

JAN PATOČKA: UM OLHAR DISSIDENTE

Jan Patočka: um regard dissident

Helio Fernandes Viana¹

RESUMO

Este artigo apresenta a pertinência do olhar dissidente de Jan Patočka para a atualidade. A partir de sua obra fundamental, tece-se algumas considerações em torno à sua perspectiva fenomenológico-existencial. O intuito é destacar seu engajamento filosófico existencial, a pertinência de suas críticas ao totalitarismo e sua preocupação com o avanço de uma tecnocracia que ameaça a existência humana. Argumenta-se que a postura filosófica do filósofo de Praga torna-se paradigmática para a conjuntura atual e para a práxis filosófica autêntica.

Palavras-chave: fenomenologia existencial, dissidência, totalitarismo, tecnologia.

RÉSUMÉ

Cet article présente la pertinence du regard dissident de Jan Patočka pour l'actualité. À partir de son œuvre fondamentale, quelques considérations sont tissées autour de sa perspective phénoménologique-existentialiste. L'objectif est de mettre en évidence son engagement philosophique existencialiste, ses critiques du totalitarisme et sa préoccupation face à l'avancée d'une technocratie qui menace l'existence humaine. La posture philosophique du philosophe de Prague devient paradigmatique pour la conjoncture actuelle et pour la pratique philosophique authentique.

Mots-clés: phénoménologie existentielle, dissidence, totalitarisme, technologie.

Introdução

Há momentos raros na história em que vida e pensamento se encontram. Dito de outro modo: o logos se faz carne, uma razão abandona o reino da abstração e se torna vida refletida. Isto é verdade para Sócrates que, coerentemente com seu pensar, escolhe a morte lenta da cicuta² ao invés de ter de viver no exílio, longe da *polis* amada. É também, por antonomásia, o caso daquele Palestino de Belém que, há mais de dois mil anos atrás,

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FE - UERN) e Licenciado em Filosofia (FAFIC - UERN). E-mail: helio_viana1808@hotmail.com.

² Sicuta (*coniium*). Substância venenosa que contém *coniine*, uma neurotoxina que causa insuficiência respiratória. Sócrates foi julgado culpado de corromper a juventude ateniense. Face à possibilidade de ver-se banido de Atenas, Sócrates optou pela pena de morte. E embora tivesse possibilidade de fuga, não o fez já que ele achava justo obedecer a lei da *polis* ainda quando ameaçava sua existência.

aceitou pacificamente uma morte injusta porque, ensinava, disso dependia a redenção do homem. E assim, muitos outros que encarnaram suas ideias e abraçaram uma vida autêntica, pagaram o preço fatal.

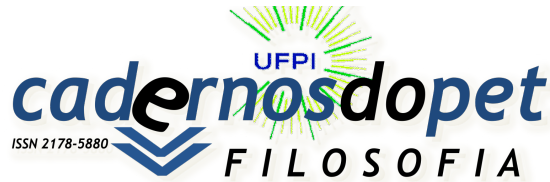
Dois casos mais contemporâneos são o de Friedrich Bonhoefer e Jan Patočka. O primeiro foi filósofo e teólogo da resistência alemã que foi preso e morto pelo regime nazista. O segundo, Jan Patočka³, cujo pensamento motivam estas páginas, foi filósofo checo que viveu os horrores do totalitarismo, tanto nas mãos do Nacional Socialismo quanto do regime comunista soviético instalado na Checoslováquia. O filósofo sobreviveu ao primeiro, mas não ao segundo. Morreu devido aos traumas dos flagelos a que fora submetido, mas permaneceu dissidente, na vida e no pensar. E se muito nos ensinou sua vida, não menos nos ensina sua morte: ela é a encarnação de um *logos*⁴, isto é, de uma razão que se torna *práxis* e que tem como centro a existência humana. Esse *logos*, nos parece, proveio da entrega a um novo modo de olhar ou questionar o mundo, aberto pela atitude filosófico-fenomenológica e por uma preocupação existencial pelo ser humano. Assim, como sugere Erin Plunkett na introdução dos *Escritos Escolhidos de Jan Patočka*, é justamente no entrecruzamento entre a prática de um olhar filosófico e o interesse pela existência humana onde radica sua maior contribuição, isto é, a de exprimir o que está realmente em jogo quando se engaja em um pensamento realmente filosófico⁵.

Nesse horizonte, ao nos aproximar-nos dos 50 anos de sua morte, revisitar o pensamento dissidente e humano do Filósofo de Praga se torna relevante, principalmente quando ameaças de regimes autoritários alimentam predições distópicas. Some-se a isso outras “profecias” que, frente ao avanço da Inteligência Artificial (IA), encontram a humanidade despreparada e temerosa frente às consequências da proliferação da IA e seu uso nos diferentes campos. O temor frente à perda de empregos ou o uso militar da IA abandonou o reino da virtualidade —que nunca foi ficção— e atualizou-se. Seja pela ameaça dos autoritarismos de velhas ideologias ou pela ganância da tecnocracia contemporânea, a existência humana está outra vez em risco: o estado de guerra total de 1945 e os totalitarismos dos anos 70 não estão tão longe quanto se pensou. Guerra total e

³ Jan Patočka (1907-1977) era checo, foi aluno de Edmund Husserl e Martin Heidegger. Foi membro do Círculo de Praga, crítico do regime soviético. Foi perseguido, preso e veio a falecer em 1977, após ter sido interrogado pelo regime.

⁴ Do gr. *λογος*, está formado por *legein* (): falar, dizer. Como substantivo tem o sentido de “palavra”, “verbo”, “discurso”, “razão”, “pensamento”, “sentido”. E por extensão, em filosofia, pode se referir à razão que rege o pensamento, o universo, ou o estudo racional de uma região ôntica, uma ciência, etc.

⁵ PLUNKETT, Erin. “Introduction”. In: **The Selected Writings of Jan Patočka: Care for the Soul**. Great Britain: Bloomsbury Academic Publishing, Plc: 2002.



totalitarismos voltam a caminhar de mãos dadas em pleno século XXI. Por isso, torna-se relevante abrir-se para vozes que lá protestavam e cujas protestas podem ecoar hoje. Assim, *pensar-com* Jan Patočka torna-se um ato de resistência a velhos fantasmas que retornam e que, talvez, nunca nos abandonaram. A pertinência desse pensamento reside também no chamado a uma existência dissidente. O olhar dissidente de Patočka para o mundo, seu compromisso com o lugar do ser humano na ordem das coisas, sua ênfase na centralidade da experiência subjetiva, sua crítica ao totalitarismo e à tecnocracia são contribuições filosóficas que precisam ser atualizadas. Assim, nas seguintes páginas, nos debruçamos sobre a tarefa modesta, porém fundamental, de ecoar um pensamento existencial, político e eticamente relevante para a conjuntura atual. Com isso, queremos prestar um serviço ao pensamento e uma homenagem a Jan Patočka, na cercania dos 50 anos de sua morte.

Um olhar dissidente.

Compreender o pensamento de Jan Patočka começa por conhecer seu modo peculiar de olhar para o mundo e sua luta contra a unidimensionalidade do olhar. É nesse sentido que seu olhar é um olhar dissidente cujo fundo é a atitude fenomenológico-existencial. Quando em seu artigo sobre *O mundo natural e a fenomenologia ele* fundamenta a necessidade de voltar à questão do mundo natural e pergunta pela importância e a finalidade filosófica de uma questão que parece sem importância, ele se esforça por construir um caminho do pensamento, um novo olhar para o mundo, um olhar que questiona para deixar aparecer a “coisa mesma”. Nas palavras do filósofo:

Filosoficamente se trata do esforço por descobrir as verdadeiras perguntas que latem sob a superfície das supostas certezas gerais. É um esforço por colocar de novo em questão a naturalidade com que nos domina a metafísica da ciência e a técnica, ou melhor a tecnociência. A problematização do óbvio aspira a liberar o olhar e, assim, fugar possibilidades do pensamento e da vida daquelas que a visão preconceituosa nos havia privado até agora, ou das que um excessivo respeito nos tinha impedido precatar-nos. Se trata, em suma, de expormo-nos a uma verdade mais profunda que essa metafísica descobriu (Tradução nossa)⁶.

⁶ PATOČKA, Jan. *El movimiento de la existencia humana*. Madrid: Ediciones Encuentro, S.A., 2004, p. 20.

Para Patočka, é próprio do olhar filosófico um “esforço por descobrir as verdadeiras perguntas” que se escondem atrás das generalidades. O dado e o instituído precisam ser revisitados para deixar vir a verdade do ser que há nele e que ficou soterrado pelo olhar unidimensional da ciência moderna. Contra o olhar objetivado da tecnociência, o filósofo é provocado a colocar em questão a “naturalidade” do ver herdado da metafísica. Esse modo de perguntar —aparentemente óbvio— supõe um novo modo de olhar para o real. É a própria busca e preparação de um caminho para um olhar mais livre e, assim, expor o sujeito à possibilidade de uma verdade outra.

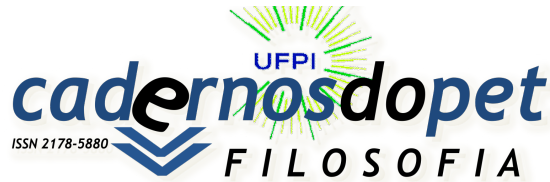
Um exemplo marcante desse olhar outro encontra-se no título de um de seus ensaios mais famosos: *O que é o mundo*⁷. Tal pergunta causa surpresa, em primeiro lugar, porque, olhando superficialmente, parece uma questão muito geral, muito óbvia, a final, quem não sabe o que é o mundo? Todo mundo sabe o que é o mundo. A pergunta admiraria, em um primeiro momento, por parecer tão trilhada. Outro, entretanto, poderá encontrar nesta pergunta resquício de uma arte, ou um retorno ao método socrático, segundo o qual uma pergunta, aparentemente simples e óbvia, poderá ser desdobrada até que aquele que achava conhecer (o óbvio) será levado a descobrir-se em total ignorância.

No nosso ver, diferentemente, o que motiva a questão é outra coisa. Trata-se justamente de possibilitar o assombro (*θενματζειν*)⁸ que coloca em questão o que havia permanecido, por muito tempo, inquestionado, dado por verdadeiro e óbvio. Mas, para Patočka, trata-se de colocar a questão e possibilitar outro olhar. Busca-se fustigar aquela sensibilidade do olhar, ou aquela atitude que nos faz voltar os olhos de golpe sobre um conceito ou ideia já muito conhecida e trilhada, como o são “mundo”, “coragem”, “fê”, “simpatia”, etc. Assim, provoca-se o pensamento, faz-se repensar o já não pensado, o simplesmente dado ou aceito. Incentiva-se, então, a reviver a experiência de perguntar, outra vez ou pela primeira vez, e de compreender de outro modo aquilo que está tão oculto pela obviedade das respostas dadas. E, assim, o óbvio dá passo ao estranhamento do perguntar e, com isso, à abertura de uma verdade possível.

Perguntar é já um ato de dissidência do olhar. Onde tudo se acredita dito e estabelecido, a impertinência da pergunta também pode assombrar. Perguntar o que se acredita já ensinado e estipulado é um ato de dissidência. E, contudo, é preciso perguntar.

⁷ O ensaio **O que é o mundo** de Jan Patočka foi publicado pela primeira vez em 1973 em checo no jornal *Lidove noviny*. O ensaio foi posteriormente incluído na coleção de ensaios de Patočka intitulada *Ensaio Heréticos na Filosofia da História*, que foi publicado em 1975.

⁸ Do gr. *θαυμα*: “maravilhar”, “assombrar”. Está referida a um acontecimento que maravilha, que assombra, i.e., um milagre.



É a pergunta que nos pode levar a olhar para o mundo e descobrir outra forma de ver. Então, o que é o mundo? Então, o que é o mundo hoje? O que é esse mundo em guerra? Que mundo é esse? Enfim, é preciso olhar, de novo, para que, de um mundo dado como óbvio, possa surgir outras possibilidades.

Muitos têm o mundo como dado já objetivado, cristalizado e unidimensionado. Não logram perceber ou vislumbrar qualquer possibilidade de ver isto que chamamos mundo desde uma outra perspectiva. Não se questionado o dado, justamente por seu caráter de obviedade. Entretanto, para Patočka, é preciso problematizar e, assim, abrir possibilidades de ver o mundo desde um outro ponto de vista. O ver que procurar o que está oculto pela absoluta obviedade é o caminho para possibilitar uma nova criação. Esse ver é sempre um ver dissidente. É sempre um “outro ver”, um outro modo de olhar para “a coisa”. Trata-se de assumir uma atitude, um ver e, portanto, um ser-filosófico que está aberto para as possibilidades mais próprias de uma realidade que se oculta em sua obviedade.

O olhar dissidente de Patočka não é, portanto, o olhar de quem impõe um ver ou objetualiza, mas um olhar que deixa o ser aparecer. Patočka era um fenomenólogo no sentido de que praticava a ciência de descrever o que aparece valendo-se da arte de “deixar aparecer”, deixar vir o que é. Isto supõe, uma prática rigorosa da *epoché*, um colocar (-se) “entre parêntese”, suspender o dito, o teorizado, e permitir-se ver por si mesmo o que se apresenta. A consequência primeira dessa postura é que obriga o contato com a experiência humana, um olhar de perto, um olhar cuidadoso e insistente, enfim, um olhar outro. Em seu livro *A Herança de Husserl*, Patočka escreveu: “Para Husserl, a fenomenologia é a ciência rigorosa do fenômeno, o estudo daquilo que aparece à consciência. É um estudo daquilo que é imediatamente dado, sem pressupor qualquer teoria prévia ou conceito preconcebido”.⁹ Daí, o olhar dissidente é o olhar que vê a partir do ser, do que vem ao encontro, e não do que está dado e já instituído. O olhar dissidente é dissidente frente à imposição do ver metafísico moderno unidimensional em suas formas positivistas ou dogmáticas.

Ao mesmo tempo, trata-se de um olhar voltado para a existência humana. Patočka teve coragem de olhar a pele nua da existência humana e viu de perto as marcas do sofrimento, as cicatrizes, as angústias. Em um momento em que a vida não parecia ter significado, ele se debruçou sobre a experiência individual e mergulhou profundamente na

⁹ PATOČKA, Jan. *A herança de Husserl*. São Paulo: Ed. Duas Cidades, 1975, p. 21.
 CADERNOS PET, V. 14, N. 28

busca de propósito, em um momento histórico em que a vida parecia não ter nenhum. Lembre-se que, depois de duas grandes guerras e uma longa Guerra fria, se vive na Europa o momento do desencanto levado a seu apogeu no século XX. E é nesse contexto que sua filosofia, isto é, seu modo e abordar a existência, é forjado. Seu olhar é, portanto, profundamente existencial. Para Patočka a filosofia existencialista “é uma filosofia da vida vivida, uma filosofia que tenta compreender o ser humano em sua totalidade e complexidade”.¹⁰ Em outras palavras, uma filosofia que se preocupa com a existência humana e seus diferentes matizes. Em um artigo intitulado *Patočka's Contribution to Phenomenology and Existentialism*, o filósofo italiano Danilo Manca escreve: “Patočka se concentrou em uma fenomenologia que era ao mesmo tempo existencial e histórica. Sua filosofia é uma tentativa de fazer justiça à complexidade da experiência humana, incluindo a dimensão histórica, cultural e social” (tradução nossa).¹¹

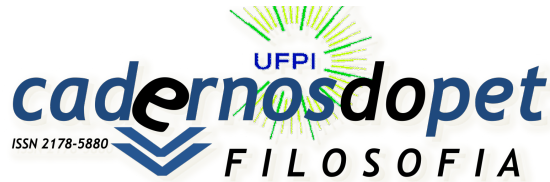
É preciso atentar o olhar para as múltiplas dimensões da experiência humana. É preciso, ao mesmo tempo, levantar questões. Em resumo, a contribuição de Jan Patočka para a filosofia incluiu uma abordagem fenomenológica que se concentra na experiência subjetiva, bem como uma perspectiva existencialista que enfatiza a busca por significado e propósito na vida. Seus comentadores destacam sua tentativa de fazer justiça à complexidade da experiência humana, incluindo a dimensão histórica, cultural e social.

A vida filosófica como crítica aos totalitarismos

Dessa dupla perspectiva, existencial e fenomenológica, em que o ser humano é central, advém sua crítica ao totalitarismo. Para Patočka, o totalitarismo é um atentado à humanidade, à sua dignidade, liberdade e direitos. Ele tornou-se um forte crítico do totalitarismo, especialmente do regime comunista da Checoslováquia. Para ele, a liberdade e a responsabilidade individual são fundamentais para uma sociedade livre e democrática. O totalitarismo, qualquer que seja sua bandeira, nega esses valores. A filosofia, portanto, não pode reduzir-se a uma atividade acadêmica isolada da vida, mas sim uma prática engajada na vida política e social. Ele defendia a ideia de que os filósofos devem estar ativamente envolvidos em questões sociais e políticas, e que a filosofia pode ser uma força para a mudança social e a transformação política. Entretanto, esse engajamento, é um engajamento cuja bandeira é a existência humana.

¹⁰ PATOČKA, Jan. **O mundo natural e o mundo da filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 1977, p. 33.

¹¹ MANCA, Dario. “Patočka's Contribution to Phenomenology and Existentialism”. In: **Archivio di filosofia**, Bologna: n. 84(2), 2016, pp. 51-62.



Jan Patočka teve um papel fundamental na dissidência checa e na resistência à dominação soviética. Ele viveu em uma época em que a Tchecoslováquia era governada pelo Partido Comunista e estava sob a influência soviética. Ele se tornou uma figura importante na dissidência checa, um movimento de oposição ao regime comunista, e lutou pela liberdade e pelos direitos humanos. Patočka escreveu que a história pode ser concebida como uma “luta pelo direito de ter direitos, para que a humanidade possa ser verdadeiramente humana. Devemos lutar contra qualquer regime que negue esses direitos, contra qualquer regime que transforme o ser humano em um objeto” (tradução nossa).¹²

Em 1977, Patočka foi um dos fundadores da Carta 77, um manifesto que criticava o governo comunista da Tchecoslováquia por violar os direitos humanos e as liberdades civis. A Carta 77 foi um importante marco na dissidência checa e inspirou muitos outros movimentos de oposição na Europa Oriental. Em um ensaio intitulado O Desafio da Dissidência, Patočka escreveu:

A dissidência é um desafio ao poder estabelecido, um desafio à cultura dominante, um desafio a todas as formas de opressão e injustiça. É uma forma de resistência que exige coragem e comprometimento, mas que também oferece a possibilidade de uma vida mais autêntica e significativa (tradução nossa).¹³

Os comentadores de Patočka destacam sua coragem e comprometimento com a luta pela liberdade e pelos direitos humanos. Em um artigo intitulado *Patočka and the Politics of Dissent*, o filósofo checo Tomas Vrba afirma que Patočka tinha sido um dos “poucos intelectuais que teve a coragem de desafiar o regime comunista e se tornar uma voz da dissidência. Sua filosofia foi fundamental para a compreensão da condição humana sob o domínio soviético, e sua luta pela liberdade e pelos direitos humanos inspirou muitos outros” (tradução nossa).¹⁴

A contribuição de Jan Patočka para a sociedade checa incluiu sua luta pela liberdade e pelos direitos humanos. Seus comentadores destacam sua coragem e comprometimento com a luta pela liberdade e pelos direitos humanos, bem como sua filosofia fundamental

¹² PATOČKA, Jan. *Heretical Essays in the Philosophy of History*, Chicago: Open Court, 1996, p. 19.

¹³ PATOČKA, Jan. *The challenge of dissent*. Chicago: Open Court, 1979, p. 11.

¹⁴ VRBA, T. *Patočka and the Political: A Phenomenological Reading*. New York: Bloomsbury Academic, 2018, p. 96.

para a compreensão da condição humana sob o domínio soviético. Nesse sentido, a filosofia política de Patočka possui aquela legitimidade que só a vida vivida em sua mais brutal autenticidade pode legar.

E é porque ele viveu, e morreu em seu “engajamento”, que sua voz ressoa com legitimidade. “Engajamento” aqui está destacado, porque o engajamento de Patočka pode ser compreendido como um “engajamento dissidente”. Não se trata de um engajamento em nome de um partido político. Ele é um dissidente da época pós-cristão, isto é, pós “morte de deus”, do desencanto que traz o cuidado de não se vislumbrar paraísos. Ele desafia regimes totalitários, à ambos os lados do espectro político, mas não o faz em nome de um “outro deus” ou ideal que pretenda ser o “sumo bem”. Seu único compromisso é com a liberdade e os direitos humanos.

Ele argumentou que a política deve ser vista como uma luta constante pelos direitos humanos e pela liberdade individual, e não apenas como uma questão de poder ou de interesse nacional. Ele entendia que o exercício da política devia servir à busca pela liberdade humana. E para ele, a “liberdade não é algo que possa ser concedido pelo Estado ou pela sociedade; é algo que cada indivíduo deve conquistar por si mesmo”.¹⁵ Como anotou um de sus comentadores, a política deve ser compreendida como “uma luta constante pelos direitos humanos e pela liberdade individual. Ele também foi um filósofo existencialista, que enfatizou a importância da experiência humana individual e a busca constante pela autenticidade” (tradução nossa).¹⁶

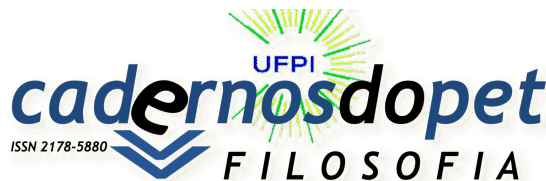
Tudo isso aponta para o que há de central no seu pensamento: a centralidade da existência humana. O próprio fundamento e preocupação de sua filosofia política é a existência humana. Desde essa perspectiva, Patočka enfatiza a importância da experiência humana individual, sua liberdade e seus direitos. A existência humana se caracterizada pela tensão entre o ser e o nada, o ser e sua possibilidade de não ser. Esta tensão deve ser enfrentada pelo indivíduo de forma autêntica. Em seu livro *Ensaio Heréticos sobre a Filosofia da História*, Patočka assinala que “a existência humana é uma busca constante pela autenticidade. Devemos enfrentar a tensão entre o ser e o nada, e encontrar significado em nossa própria existência”.¹⁷

A preocupação patockiana pela existência humana se estende a toda a esfera de seu pensamento, da história à educação. Patočka acreditava que a história deve ser entendida

¹⁵ PATOČKA, Jan. *Platão e a Europa*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002, p. 83.

¹⁶ KOHAK, E. *Jan Patočka: Philosophy and Selected Writings*. Chicago: University of Chicago Press, 1989, p.1.

¹⁷ PATOČKA, Jan. *A Crise da Cultura Européia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 35.



como uma história da liberdade humana. Ele argumentou que a história não deve ser vista apenas como uma sucessão de eventos, mas como uma história da luta pela liberdade e pelos direitos humanos. Para ele, a história é “uma história da luta constante pela liberdade, pelos direitos humanos e pela justiça social. Devemos ver a história como uma oportunidade para a liberdade humana, e não como um determinismo cego”.¹⁸

Contudo, esta história, uma vez que construção humana, deve ser vista de forma crítica. Ele criticou a tendência de algumas abordagens históricas de justificar o poder e a opressão, e argumentou que a história deve ser vista de forma crítica para que possamos aprender com os erros do passado. Em seu livro *Platão e a Europa*, Patočka escreveu: “A história não pode ser uma justificação para o poder e para a opressão. Devemos ser críticos em relação à história, para que possamos aprender com os erros do passado e construir um futuro melhor”.¹⁹

Assim, a contribuição de Jan Patočka para a filosofia incluiu sua abordagem da história como uma história da luta pela liberdade e pelos direitos humanos, bem como sua abordagem crítica à história como uma forma de aprender com os erros do passado. Seus comentadores destacam sua importância na filosofia da história.

Crítica à tecnologia

Patočka também criticou o papel que a tecnologia estava assumindo na sociedade moderna. Ele argumentou que a tecnologia e a ciência têm o potencial de serem alienantes e desumanizadoras, e que a sociedade precisa encontrar um equilíbrio entre o progresso tecnológico e a preservação dos valores humanos. É fácil perceber como um tal pensamento cobra relevância na atualidade quando a tecnocracia ameaça a própria existência humana. Desde a ameaça de desemprego em massa, face à robotização e automação via Inteligência Artificial, até o risco de extermínio planetário por armas nucleares, o homem está cada vez mais ameaçado pelo irracionalismo da tecnocracia.

A tecnologia e a ciência modernas têm um impacto profundo na vida humana, mas esse impacto não apenas não é completamente compreendido, mas nem sequer razoável e suficientemente refletidos em suas últimas consequências. Em sua obra *A Crise da*

¹⁸ *Idem.* p. 16.

¹⁹ PATOČKA, Jan. *Platão e a Europa*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002, p. 36.

Cultura Europeia, Patočka escreveu:

Ao se estudar a técnica, é importante ter em mente que ela é uma força que afeta a totalidade da existência humana. Seu impacto é profundo e amplo, afetando tanto as condições de vida quanto o sentido e o propósito da existência humana. No entanto, esse impacto não é completamente compreendido e não é possível prever todas as consequências da tecnologia e da ciência modernas.²⁰

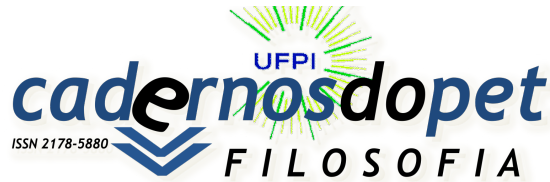
Patočka percebia e criticava a tendência da tecnologia moderna de separar os seres humanos da comunidade humana. Isto é, o poder de alienar e segregar. Para ele, a tecnologia moderna tende a enfatizar a eficiência e o controle, em detrimento da liberdade e da experiência humana comunitária. Faltou-lhe apenas viver alguns anos para ver suas afirmações tomarem forma.

Em todo seu pensamento, percebe-se a preocupação constante pela dimensão humana da existência. Dimensão colocada em cheque pelos avanços tecnológicos. A tecnologia, bem como qualquer forma de poder, tem de ser pensada em sua relação com o impacto que tal força gera e exerce sobre a existência humana. Há, no pensamento de Patočka, uma constante volta ao sentido que este ou aquele poder pode assumir sobre a existência. Assim, a vida filosófica é provocada a pensar as consequências que a irrupção de uma força, no caso, a tecnologia, pode desatar sobre a vida.

Patočka toma seriamente a crítica que Martin Heidegger vinha desenvolvendo sobre a tendência técnica da modernidade. No artigo *A questão da técnica*, o filósofo alemão já vinha denunciando o caráter “desafiador” da estrutura técnica moderna. A técnica moderna tem o caráter de ver que explora e desafia os recursos planetários. O artigo do filósofo alemão é pioneiro nessa crítica. Contudo, o artigo conservava uma linguagem um tanto enigmática sobre questão. Patočka, por outro lado, se expressa de forma mais clara e denuncia as ameaças práticas de um mundo técnico. Sua preocupação consiste em perceber que a tecnologia moderna “ênfatiza a eficiência e o controle, em detrimento da liberdade e da experiência humana”, além disso, ele aponta que a “tecnologia moderna pode ser usada para melhorar a vida humana, mas também pode levar a uma perda do sentido e do propósito da existência humana”.²¹ Enquanto em Heidegger a técnica é uma força moderna que tem origem num modo de ser da racionalidade ocidental, em Patočka, trata-se de uma força capaz de alienar. Ao mesmo tempo, a técnica moderna é uma técnica que cria um certo modo de acesso ao real, um modo de ver que objetiva tudo a seu

²⁰ PATOČKA, Jan. *A Crise da Cultura Européia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 51.

²¹ PATOČKA, Jan. *A Crise da Cultura Européia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 52.



alcance, incluso o sujeito humano. A técnica moderna constitui um modo de olhar para o mundo, um modo de interpretá-lo (como recurso) cujo objeto é submetê-lo. Nessa submissão, o ser humano se torna também um objeto submetido entre outros, um recurso entre outros recursos. Assim, a tirania técnica se estabelece e anula a subjetividade. O olhar para o mundo é um olhar técnico e explorador que unidimensional, isto é, que oferece apenas um modo de acesso ao real, um modo de exploração.

Nesse horizonte, o desafio é, portanto, resistir essa forma de objetivar o ser humano, criar uma nova forma de olhar para o mundo, possibilitar um olhar mais livre para o mundo e para o homem. Isto apenas pode ser feito a partir de um olhar que não seja simplesmente técnico, mas também humano. Um homem não pode tornar-se um objeto entre objetos para fins industriais, políticos, ideológicos, etc. O homem é um fim em si mesmo. Sua capacidade de ter e dar sentido deve ser preservada e atualizada. E esta se torna uma tarefa filosófica: a de atualizar um olhar dissidente contra as forças totalitárias e em favor da subjetividade e, portanto, da liberdade humana.

Considerações finais.

A contribuição filosófica de Jan Patočka, como se apreciou, torna-se relevante para a contemporaneidade. Seu pensar passa pela proposta de um olhar dissidente e, por isso, inaugural. Olhar filosófico inspirado pela fenomenologia e o existencialismo que traz tanto uma crítica ao totalitarismo, uma ênfase na filosofia como prática engajada e a crítica à tecnociência. Suas ideias tiveram um impacto significativo no movimento de dissidência política na Checoslováquia e continuarão a influenciar a filosofia contemporânea.

Quanto à filosofia como fenomenologia e existencialismo, o olhar outro, ou a dissidência do olhar patockiano, propõe um novo modo de ver o mundo, um modo de questionar, de abrir outras possibilidades e veres possíveis. Seu pensamento nos ensina que é preciso refazer os caminhos, reperguntar as questões já perguntadas para chegar a novos sentidos —sentidos mais humanos. Em vez de reduzir o olhar ao método hermético das ciências positivistas, é preciso questionar, olhar outra vez, deixar vir ao encontro o que aparece com seu sentido humano.

Quanto a seu olhar político, é preciso que o filósofo seja um sujeito engajado,

inquieta, envolvido nas questões políticas e sociais. Não é possível separar filosofia e mundo social. A luta pela liberdade humana e pela centralidade da existência é um *sine que non* da existência filosófica. A luta contra os regimes totalitários e autocráticos cobra uma grande importância, principalmente quando o ser humano se tornou testemunha histórica e vítima das crueldades dos regimes autoritários.

Referências

KOHAK, E. **Jan Patočka: Philosophy and Selected Writings**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

MANCA, D. Patočka's Contribution to Phenomenology and Existentialism. **Archivio di filosofia**, 84(2), 51-62, 2016.

PATOČKA, J. **A herança de Husserl**. São Paulo: Ed. Duas Cidades, 1975.

_____. **O mundo natural e o mundo da filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 1977.

_____. **The challenge of dissent**. Chicago: Open Court, 1979.

_____. **A Crise da Cultura Europeia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. **Heretical essays in the philosophy of history**. Chicago: Open Court, 1996.

_____. **Platão e a Europa**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

_____. **El movimiento de la existencia humana**. Madrid: Ediciones Encuentro, S.A., 2004.

PLUNKETT, E. Introduction. In: **The Selected Writings of Jan Patočka: Care for the Soul**. Great Britain: Bloomsbury Academic Publishing, Plc: 2002.

VRBA, T. **Patočka and the Political: A Phenomenological Reading**. New York: Bloomsbury Academic, 2018.